Biblioteca Centro de Memória de Campinas

CMUHE020114

FARJALLAT, Célia Siqueira. A Semana Santa não é a mesma. Correio Popular, Campinas, 11 abr., 2001.

BATE-PAPO

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

A Semana Santa não é a mesma

Já não se fazem Semanas Santas como antigamente, queixa-se a quase centenária dona Prudência, minha vizinha de muitos anos. O lamento aguçou-me a curiosidade.

– Verdade, dona Dencinha?

Ela gostava de ser chamada assim. Você sabe, ela dizia: Emerenciana, Constança, Eudóxia e outros são nomes antigos.

– Então, Semana Santa de outros tempos era diferente?

– Nem me diga. Quando eu era menina, e estudava no Colégio de Itu, a Semana Santa era esplendorosa, acendiam velas, seguiam vias-sacras. As irmãs Úrsula e Matilde e eu voltávamos para casa, desde o Domingo de Ramos

– E como passavam os dias?

Rezando. A Capela de Serra Azul ficava repleta de gente, de velas, não de flores porque tudo estava de luto pela Paixão e Morte de Jesus. Rezávamos de joelhos, até criar calos. E como a gente jejuava! Aquilo era penitência pela Morte de Cristo. E também havia abstinência de carne. Eu nem me incomodava: já era vegetariana desde pequena.

Nos últimos anos, toda a família ia para o casarão na cidade, pertinho da Igreja. Havia ainda mais rigor, mais cerimônias. Era lindo ver como até os moços e as crianças eram piedosos.

– A família ficava na cidade a Semana Santa toda?

– Ficava, sim. Às vezes, ficava mais de quinze dias, sempre acompanhando as rezas, as procissões, os sermões do vigário. E com minhas primas, eu percorria os Passos, que eram lugares, como entradas de casarões, onde se armava um altar com imagens ou quadros, representando o caminho de Cristo para o Calvário.

O que mais impressionava a gente era a tristeza geral, as vestes de luto, os santos das igrejas recobertos de pano roxo, as rezas tristes, e na procissão do Senhor Morto, os cantos da Verônica e as Três Marias com imensos cabelos soltos pelas costas.

Daqueles tempos ficaram muitos relatos como os de Leopoldo Amaral, José de Castro Mendes, Rafael Duarte. A obra Vida Religiosa de Campinas, da Irmandade do Santíssimo Sacramento, escrita por João Lourenço e pelo comendador Theodoro de Souza Campos Júnior contam as pompas antigas da Semana Santa. A partir de 1847, ou talvez antes, a Festa esteve a cargo da Irmandade, e como devia ser paga pelo Provedor era para este um pesado ônus. Eram as festas mais dispendiosas e as mais devotas do ano litúrgico. E tão importantes, que, certo ano, para homenagear o Imperador, a cidade de Itu programou e celebrou uma Semana Santa inteirinha fora de época. Por sinal, que ficou famosa.

Célia Siqueira Farjallat, cronista do **Correio**, escreve nesta página às segundas, quartas, quintas e sextas